

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 5 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

EDUCAÇÃO E TRABALHO NO TEMPO PRESENTE: A FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES MEDIANTE O PROCESSO DE EXPANSÃO DAS INDÚSTRIAS SUCROALCOOLEIRAS NA REGIÃO DO TRIÂNGULO MINEIRO PÓS 2000

Cinval Filho dos Reis¹

Profa. Dra. Fabiane Santana Previtalli²

O presente trabalho consiste numa pesquisa de mestrado em andamento, pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, no eixo “Políticas e Gestão em Educação. Objetiva analisar, e problematizar as mudanças no mundo do trabalho a partir dos anos 1970 com a crise instaurada pelo padrão de produção fordista que desencadeou na economia mundial um processo de transformações tecnológicas e financeiras que impôs novas formas de organização de produção e de trabalho. As indústrias sucroalcooleiras, um dos focos principais deste trabalho, constituem-se em um dos mais representativos segmentos impactados pelo processo de internacionalização da economia brasileira nesse período de reestruturação. Tais indústrias sofreram grande expansão em meados da década de 1970, sobretudo com a implantação do Proalcool – Programa Nacional do Alcool, em 1975. Segundo Oliveira (2002), esse programa garantiu subsídios e proteção

¹ É Mestrando da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: cinvalfilho@yahoo.com.br

² É professora do curso de ciências sociais da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. E-mail: fabianesp@netsite.com.br

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 5 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

por parte do Estado às empresas sucroalcooleiras, dando condições para que as mesmas expandissem significativamente suas áreas de cultivo de cana-de-açúcar ocupando uma dimensão muito expressiva, sobretudo no Estado de São Paulo.

Dessa forma, sobretudo, desde a década de 1980 o setor sucroalcooleiro é um dos setores que mais vem avançando na inserção de tecnologias em seus processos produtivos. Na mesma linha das grandes indústrias nacionais de outros setores estão sempre buscando adequar-se aos parâmetros internacionais de produção.

O principal foco de análise dessa pesquisa está voltado para a região do Triângulo Mineiro que em 2008 concentrava quase 70% da produção de cana-de-açúcar e 61% de todo o álcool produzido no estado de Minas Gerais, que é o terceiro maior produtor do Brasil³. As análises estarão focadas, sobretudo ao período pós 200, contexto no qual tal região passou a sofrer uma grande ofensiva do setor sucroalcooleiro.

Para Ianni (1981) é possível afirmar que a partir do início dos anos 1970, as diretrizes industriais da economia brasileira consolidaram um modelo de desenvolvimento marcado pela associação dos capitais nacional e internacional, aprofundando o processo de internacionalização econômica iniciado em décadas anteriores.

Na década de 1980, em face da crise de financiamento internacional, os investimentos públicos e privados internos, bem como o crescimento industrial brasileiro ficaram limitado, aprofundando ainda mais o processo inflacionário, iniciado anteriormente (SOUZA, 2000, p.2). Foi justamente nesta década que foi impulsionada uma reestruturação produtiva no Brasil. Na visão de Previtalli e Faria (2007),

Como tentativa de responder à crise decorrente do padrão de acumulação taylorista/fordista, a reestruturação do capital impõe uma nova ordem produtiva, calcada na flexibilidade, multifuncionalidade, participação e melhoria contínua do trabalhador [...] impondo novos mecanismos de controle do trabalho e redefinindo a dinâmica das relações de classe [...] A

³ Fonte: Safras & Mercado, 22/08/2008. Disponível em: <http://www.safras.com.br/>. Acesso em 05/05/2009

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 5 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

modernização do parque produtivo acompanhada de mudanças nos processos de produção geraram algumas exigências que se fizeram obrigatórias nesse período (PREVITALLI, FARIA, 2007 p. 1).

Buscam-se modalidades de desconcentração industrial, buscam-se novos padrões de gestão da força-de-trabalho, dos quais os Círculos de Controle de Qualidade (CCQ), a gestão participativa. A busca da qualidade total são expressões visíveis não só no mundo japonês, mas em vários países de capitalismo avançado e do terceiro mundo industrializado, ainda que adaptada às peculiaridades próprias de cada contexto (ANTUNES, 1995, p. 16). Todas essas transformações se resumem no chamado Toyotismo, modelo de gestão flexível da produção, originado no Japão.

Segundo Harvey (2002):

A acumulação flexível [...] é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracterizam-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego do chamado “setor de serviços”, bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas (HARVEY, 2002. p. 140)

O Toyotismo penetra, mescla-se ou mesmo substitui o padrão fordista dominante em várias partes do capitalismo globalizado. Para Antunes (1995):

Vivem-se formas transitórias de produção, cujos desdobramentos são também agudos, no que diz respeito aos direitos do trabalho. Estes são desregulamentados, são flexibilizados, de modo a dotar o capital do instrumental necessário para adequar-se à sua nova fase. Direitos e conquistas históricas dos trabalhadores são substituídos e eliminados do mundo da produção. (ANTUNES, 1995, p.16)

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 5 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Em decorrência dessas transformações acirradas, tornou-se imperativa uma reorganização não só por parte das empresas, como também de determinados setores da sociedade. Isso em face à forte exigência por parte das empresas de um novo perfil de trabalhador, em que pese a requisitos comportamentais e educacionais, bem como novas formas de conhecimento do processo produtivo (REIS, 2000, p.7).

No bojo desse processo é possível notar um importante movimento no interior da classe trabalhadora. Na visão de Antunes(1995), há uma redução quantitativa do operariado industrial tradicional que ocorre paralela a uma alteração qualitativa na forma de ser do trabalho, que por um lado impulsiona para maior qualificação do trabalho e de outro para uma maior desqualificação. Ainda segundo o pensamento de Antunes (1997):

A crise estrutural vivenciada pelo capitalismo acaba repercutindo em intensas mudanças no processo de trabalho, afetando tanto a materialidade, quanto a subjetividade (ou forma de ser) dos sujeitos sociais pertencentes à classe trabalhadora (ANTUNES, 1997, p. 71).

Isso ocorre concomitante à introdução pelas empresas de inovações em suas políticas de pessoal, formas de gestão, relações industriais demandadas pela constante automação dos processos. De acordo com Lucena (2004):

O toyotismo conseguiu assumir um valor universal, tendo em vista as exigências do capitalismo mundial, notadamente as condições de concorrência e de valorização do capital, surgidas a partir da crise da década de 70 (LUCENA, 2004, p. 112).

Quando se fala do avanço da automação, o que se encontra subjacente a todas as mudanças no processo de trabalho nos moldes capitalistas é o aumento substancial da porporção de trabalhadores voltados para inovações em todas as esferas das atividades produtivas. De acordo com Carvalho:

Em uma organização na qual o ritmo da mudança tecnológica está sendo muito acelerada, a habilidade da força de trabalho para rápida adaptação à

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 5 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

novas campanhas de produção se torna um dos fatores de maior relevância quando se fala em competitividade, ao mesmo tempo que para as empresas o fator crucial é a intensificação de inovações em seu processo produtivo e de trabalho (CARVALHO, 1993, p. 44).

É importante salientar que todo esse processo de transformação não ocorre de forma homogênea, pois as discrepâncias também tomam conta da própria subjetividade dos indivíduos. Kuenzer (1999) aponta para a existência de uma nova contradição entre trabalho e educação [...] na medida em que quanto mais se simplificam as tarefas, mais se exige conhecimento (KUENZER 1999, p. 20). Isso ocorre porque não são dados aos mesmos, no sistema capitalista de produção, as condições humanas e sociais para que possam acompanhar e integrar a seus objetivos cognitivos os pré-requisitos exigidos pelo mercado de trabalho.

As organizações de produção baseados em técnicas e modelos fordistas/ tayloristas vêm perdendo gradativamente sua relevância nas últimas três décadas. Conforme destaca Antunes (1995), tais técnicas e modelos comportam operários limitados, com pouco discernimento e também pouca capacidade de decisão. Estes perdem aos poucos a sua funcionalidade diante das novas formas de gestão, baseadas na flexibilização e na exigência de trabalhadores polifuncionais, dotados de maior capacidade de abstração, raciocínio e decisão

A todo momento emergem várias indagações acerca do mundo do trabalho, talvez porque praticamente todas as inovações sempre são vistas pela sociedade, como algo positivo em detrimento das convencionais, mesmo quando estas são apropriadas para certas tarefas e circunstâncias determinadas (REIS, 2000, p. 11).

Esse tipo de pensamento é uma forma de ver a tecnologia como algo transcendental. Para Braverman (1977), foi esta organização capitalista que forçou uma mudança no caráter da atividade trabalho, que era fonte de subsistência e prazer, passando a ser fonte de alienação, de expropriação.

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 5 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Isso colabora para que as organizações do trabalho sejam modificadas de acordo com as demandas de uma nova ordem mundial, que nada mais é do que a confirmação do predomínio das relações capitalistas de produção em escala universal. Para Habermas:

[...] o avanço tecnológico aliado ao advento da globalização tendem a construir uma subjetividade que, além de fetichizar a técnica e a tecnologia como redentoras dos males sociais, as situam ainda como instrumento de facilitação e mesmo de libertação do trabalho (HABERMAS, 1985, p. 55).

Os indivíduos, são levados nesse contexto a buscar um prestígio social por meio de parcelas de conhecimentos ou técnicas sem perceberem que, assim, são na verdade autênticas engrenagens que contribuem na manutenção de um sistema que se utiliza desse ideal para oprimí-los e aliená-los cada vez mais. Na visão de Lucena (2004),

Eles aspiram por uma (de)formação profissional que os inclua o mais rápido possível no mercado de trabalho. [...] Essa é a mentalidade difundida pela lógica do capital; que faz com que o sistema educacional seja formulado de acordo com os interesses do próprio sistema. Nesse sentido a educação é compreendida não como bem social, mas como serviço orientado pelas regras do mercado (LUCENA, 2004, p. 197).

Tanto o trabalho como a educação e as respectivas diferenciações de ambos, são configurados de acordo com a dinâmica do sistema de produção capitalista, ou seja, de acordo com a lógica do capital, que delinea “mundialmente” tantos os países centrais, quanto os países periféricos que despertam o seu interesse (CHESNAIS, 1996).

A tecnologia traz juntamente no cerne de seu desenvolvimento, uma conseqüente problemática amplamente discutida no espaço acadêmico e cada vez mais presente no cotidiano dos trabalhadores: a subordinação do trabalho vivo em detrimento do trabalho morto. Como salienta Santos (2005):

Não é a máquina que trabalha em função do trabalhador, mas o trabalhador que trabalha em função da máquina. E torna-se cada vez mais perceptível que a ciência e a tecnologia tendem a avançar cada vez mais no intuito de

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 5 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

reduzir incessantemente a dependência que o trabalho morto tem do trabalho vivo (SANTOS, 2005, p. 8).

Assim, longe de estarmos presenciando uma liberação das capacidades criativas dos indivíduos, observa-se, na visão de Habermas (1985) um reforço das formas de alienação e estranhamento, não só dos produtos materiais do trabalhador, mas sobretudo de suas identidades, das referências que eles estabelecem em sua relação com o meio no qual constroem suas próprias tradições culturais.

Enquanto elemento hegemônico da contradição estrutural, o capital busca seu fortalecimento. Os empresários investem em novas tecnologias, a inserção da microeletrônica e a robótica com a reestruturação produtiva, ocupam um espaço central nas indústrias, alterando os métodos tradicionais de gestão e produção vigentes. A concorrência impele o capitalista a transformar as condições técnicas e sociais do processo de trabalho (Marx, 1988).

Nesse sentido, para enfrentar às mudanças ocorridas de 1989 a 1990 as indústrias sucroalcooleiras se rearticularam aumentando a concentração de renda e de terra,

[...] o intenso movimento de capitais perpassou pelo fechamento de algumas indústrias, falência de outras e principalmente pelo movimento de grandes fusões e aquisições que conseqüentemente conduziu à intensificação do processo de concentração de capital, no âmbito do setor sucroalcooleiro (OLIVEIRA, 2002. p. 54).

Essa nova maneira de gestão das indústrias sucroalcooleiras atualmente se dão sobre a forma de redes, reconhecidas como, relações interfirmas. Segundo Garay (1997):

As empresas tendem a adotar uma estratégia orientada para a descentralização produtiva, focalizando seu negócio principal (missão da produção) e, em paralelo, desenvolvendo ou contratando outras empresas especializadas em atividades/serviços de apoio ou fornecedores de componentes de produtos finais (terceirização), surgindo aí a necessidade de um novo tipo de relacionamento mais cooperativo entre as empresas, principalmente na cadeia da qual fazem parte (GARAY, 1997, p. 5).

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 5 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Esse novo relacionamento é baseado nas experiências de outros países, como o Japão, caracterizando-se como um elemento crucial para acumulação de capital. De acordo com Garay (1997). O relacionamento interfirmas é uma modalidade de relacionamento empresarial que estabeleceu vínculos estreitos entre as grandes empresas e as terceirizadas.

Tais vínculos estes que incluem o desenvolvimento conjunto de novos projetos e/ou aperfeiçoamento de componentes já existentes via auxílio técnico, uso comum de laboratórios, pessoal, equipamentos, etc.

A empresa-mãe centra seu negócio, reduzindo o número de processos de transformação, e passa a subcontratar ou desenvolver outras empresas, formando-se uma cadeia de produção ordenada e eficiente. Esta organização permite às empresas menores enfrentarem problemas como acesso às fontes de matérias-primas, aos financiamentos, às informações, entre outras. Responde à necessidade das organizações em responder rapidamente às oscilações de demanda do mercado, podendo lançar novos produtos em tempo curto, diversificação de bens (GARAY, 1997, p. 5).

No Brasil as pesquisas sobre relações interfirmas têm mostrado que tal reestruturação tem provocado determinados impactos não apenas no modo de fazer ou pensar dos trabalhadores, mas também sobre sua inserção no mercado de trabalho:

Uma parte dos estudos examinados afirma que, no Brasil, o trabalho nas empresas contratadas caracteriza-se por extensas jornadas de trabalho, despreocupação com a qualificação e o treinamento da mão-de-obra, por altas taxas de rotatividade e de trabalho temporário, perda dos direitos trabalhistas, por situações de risco à saúde e à segurança e por enfraquecimento dos sindicatos (RUDUIT, 2002, p. 411).

Estas redes interfirmas que se formam em níveis internacionais, não obedecem às fronteiras dos estados, ao contrário, estão estreitamente ligadas às localidades. Isso se dá devido a expansão do interesse internacional pelos biocombustíveis, sobretudo o etanol produzido da cana-de-açúcar no Brasil. Essa situação é refletida pelo aumento de áreas

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 5 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

plantadas nas principais regiões produtoras do país, e dessa forma, vem se apresentando ao mundo como um dos principais destinos para estes novos investimentos. Para Ávila:

Toda essa demanda provoca uma desconcentração de tal atividade, aquele padrão fixado historicamente nas macroregiões sucroalcooleiras do país se regionaliza [...] as cidades nascem velhas, reproduzindo modelos urbanos carcomidos, refelando desde já os problemas da sociedade capitalista globalizada [...].As agroindústrias instalaram-se e instalam-se em regiões onde há mínimas condições de se propor um modelo integrado de produção, cada dia mais exigente, pautado por: colonizações de exploração; incentivos governamentais (fomento, crédito, renúncia fiscal, subsídios, etc.); compartilhamento de responsabilidades com estado; elite agrária com áreas produtivas e estrutura física; disponibilidade mínima de capital (agrário e/ou industrial) e recursos naturais abundantes (ÁVILA, 2006, p. 4-8).

Segundo Previtalli (1996 e 2000) cumpre atentar-se para as diferenças quanto à difusão das inovações ao longo da cadeia produtiva dos setores econômicos. Nos níveis superiores da cadeia, envolvendo a empresa-mãe (contratante) e fornecedores de primeira linha pode-se observar a exigência por um trabalhador com maiores níveis de escolaridade formal, maiores investimentos em treinamento e maior estabilidade de um grupo central de trabalhadores altamente qualificados e flexíveis, dado o maior grau de integração e difusão tecnológica entre as partes envolvidas. Caminhando-se em direção aos níveis inferiores da cadeia produtiva, onde estão grande parte das pequenas empresas fornecedoras, pode-se observar que os investimentos em qualificação e treinamento dos trabalhadores tornam-se mais escassos, havendo ainda maior precarização das condições de emprego, prevalecendo menores salários, piores condições de trabalho, maior instabilidade contratual e maiores índices de rotatividade. Deve-se destacar ainda a prática da contratação de trabalhadores terceirizados, caracterizando a subcontratação interna, e em regimes de contratação por tempo determinado o que possibilita a empresa uma significativa flexibilidade quanto aos picos ou queda na produção.

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 5 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Dessa maneira, diante de tal cenário, torna-se imperativo no tempo presente, lançar algumas reflexões e discussões sobre as questões que envolvem a relação capital e trabalho. Para isso a análise proposta terá como principal foco a região do Triângulo Mineiro que, com foi aludido, concentrava, já em 2008, quase 70% da produção de cana-de-açúcar e 61% de todo o álcool produzido no estado de Minas Gerais, que é o terceiro maior produtor do Brasil⁴. As análises estarão focadas, sobretudo ao período pós 2000, contexto no qual tal região vem sofrendo uma grande ofensiva do setor sucroalcooleiro.

Entre outras questões o presente estudo procura problematizar em que medida as inovações técnicas e organizacionais, especialmente aquelas que dizem respeito aos métodos de gestão do trabalho, inspirados no modelo da qualidade total contribuíram e estão contribuindo para melhorar as relações e as condições de trabalho na região do triângulo mineiro, sobretudo daqueles inseridos nos processos migratórios das lavouras canavieiras. Argumentamos que essas inovações apenas mascaram ou procuram tornar socialmente invisíveis os riscos e os agravos da precariedade das condições do trabalhador dentro do processo de trabalho.

Com mesma importancia analisaremos como os trabalhadores vem internalizando e respondendo às novas transformações demandadas pela constante automação sofrida pela indústria sucroalcooleira, no que tange à qualificação profissional e ao nível educacional.

Buscaremos entender ainda em que medida as prefeituras municipais estão e estarão envolvidas no sentido de atender às demandas atuais do setor sucroalcooleiro. De outro lado, analisar se as prefeituras municipais da região do Triângulo Mineiro estão implantando políticas públicas voltadas para o incentivo de formação de trabalhadores para essa área, indagando: quais são essas ações? Como os resultados destas ações estão impactando na situação dos trabalhadores do setor sucroalcooleiro?

⁴ Fonte: Safras & Mercado, 22/08/2008. Disponível em: <http://www.safras.com.br/>. Acesso em: 05 maio 2009.

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 5 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Objetiva-se relacionar e compreender essas questões à luz das mudanças que vêm ocorrendo no mundo do trabalho no contexto do sistema capitalista de produção e suas respectivas configurações sócio-políticas e econômicas.

Será uma constante neste trabalho a problematização acerca das transformações ocasionadas pela reestruturação produtiva capitalista contemporânea, em que pese às mudanças nos modelos de organização da produção que vão se delineando no decorrer de um determinado percurso histórico e as respectivas políticas econômicas às quais acompanham o desenvolvimento desses modelos, que incidem diretamente sobre as mudanças no mundo do trabalho, sobretudo na (de) formação profissional dos sujeitos sociais pertencentes à classe trabalhadora.

O ponto crucial da presente pesquisa é a problematização de questões inerentes à expansão da produção da monocultura de cana-de-açúcar na região do Triângulo Mineiro após a década de 2000, vinculada a uma política pública de expansão da produção de bicompostíveis que por sua vez está associada a uma demanda internacional por busca de novos insumos. Assim será uma constante em nessa pesquisa a problematização da dimensão educacional deste processo no que se refere à formação dos trabalhadores envolvidos no mesmo.

A metodologia utilizada nesse trabalho será o estudo de caso, tendo em vista que não é pretensão esgotar todas as dimensões acerca do tema proposto, mas sim objetiva investigar e esclarecer algumas dúvidas e hipóteses que emergem no contexto de expansão do setor sucroalcooleiro no Brasil, animado pela inserção constante de tecnologia e seus impactos na dimensão educacional.

Na pesquisa de campo, que se encontra em fase de andamento, o primeiro passo está sendo a visita às usinas de açúcar e álcool e em sindicatos rurais com aplicação de questionários e realização de entrevistas com gerentes e técnicos, no caso das usinas e com

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 5 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

trabalhadores e dirigentes sindicais. Tais questionários e entrevistas nos servirão de guia nos questionamentos e observações das hipóteses levantadas. Ainda vem sendo feito um mapeamento dos cursos técnicos, tecnólogos, e de graduação existentes na região, voltados para a formação de trabalhadores na área da agroindústria, que ao serem analisados poderão apresentar elementos chaves para enriquecer a presente pesquisa

Paralelamente à etapa metodológica expressa pelo trabalho empírico, também está sendo realizada a pesquisa e o debate teórico. A revisão bibliográfica será uma constante na execução dessa pesquisa, até porque como diz Santos (2005), o nível de formação envolvido neste projeto – mestrado – demanda um trabalho consistente e coerente que corresponda à titulação a ser obtida perante a concretização dessa proposta de estudo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 2. ed. São Paulo, SP: Cortez; Campinas, SP: Unicamp, 1995.

_____. **Adeus ao trabalho?**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 8. ed. Campinas, SP: Cortez Editora, 2002a. 200 p.

_____. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6. ed. São Paulo, SP: Boitempo Editorial, 2002b. 258 p.

_____. **Neoliberalismo, trabalho e sindicatos**: reestruturação produtiva na Inglaterra e no Brasil. São Paulo: Boitempo Editorial, 1997. 129 p.

ÁVILA, Mário Lucio de. **Cidades, agronegócio e sustentabilidade**. Seminário População, Pobreza e Desigualdade, Belo Horizonte-MG, de nov. 2007.

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 5 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

BRAVERMANN, Harry. **Trabalho e capital monopolista**: a degradação do trabalho no Século XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

CARVALHO, Ruy de Quadros. **Projeto de primeiro mundo com conhecimento e trabalho de terceiro?** Estudos Avançados – USP, São Paulo, SP, v. 7, n. 17, p. 35-79, jan./abr. 1993.

CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. Tradução de Silvana Finzi Foá SP: Xamã, 1996. 293 p.

GARAY, A. B. S. **Reestruturação produtiva e desafios de qualificação**: algumas considerações críticas. READ - Revista Eletrônica da Administração (UFRGS), Porto Alegre, 1997.

GOMES, M. T. S. **O processo de reestruturação produtiva em cidades médias do oeste paulista**: Araçatuba, Birigui, Marília, Presidente Prudente e São José do Rio Preto. Tese de Doutorado USP/ FFLCH. 2007.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1996. 349 p.

IANNI, Octavio. **A ditadura do grande capital**. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, RJ, 1981.

KUENZER, Acácia Zeneida. **Educação profissional**: categorias para uma nova pedagogia do trabalho. Boletim Técnico do SENAC, Rio de Janeiro, RJ, v. 25, n. 2, p. 19-29, maio/ago. 1999.

LUCENA, Carlos. **Tempos de destruição**: educação, trabalho e indústria do petróleo no Brasil. Campinas: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2004. 301 p.
MARX, K. **O capital**. v. 1. São Paulo: Nova Cultural. 1988.

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 5 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

OLIVEIRA, A. M. S. **A relação capital - trabalho na agroindústria sucroalcooleira paulista e a intensificação do corte mecanizado**: gestão do trabalho e certificação ambiental. Dissertação de Mestrado. FCT/UNESP, Brasil. 2003.

PREVITALLI, F. S. **As relações de subcontratação no setor de autopeças**: um estudo de caso. Dissertação de Mestrado. Campinas: IFCH/UNICAMP. 1996.

PREVITALLI, F. S. Reestruturação produtiva e novas relações interfirmas na cadeia automobilística nos anos 90. In: **Produto & Produção**. v. 4. n. 3. out. 2000.

PREVITALLI, F. S.; FARIA, A. F. Reestruturação produtiva e controle do trabalho: o caso do setor de tabaco em Uberlândia/MG. In: **5 Colóquio Internacional MarxEngels**, 2007. 5. Colóquio Internacional MarxEngels, 2007.

REIS, Cinval Filho dos. **O papel da informática no avanço tecnológico**: a exigência de um novo perfil para o trabalhador. Horizonte Científico. Semestral, n.º 01, 2002. Disponível em: <<http://www.propp.ufu.br/revistaeletronica/edicao2002/G/O%20PAPEL%20DA%20INF.PDF>>. Acesso em: 22 ago. 2008.

RUDUIT, G. S. **Relações interfirmas e emprego na rede de empresas**: a experiência de externalização de uma empresa do setor de telecomunicações. Sociologias, Porto Alegre, v. 8, p. 400-431, 2002.

SANTOS, Jane Maria dos. **O trabalho enquanto dimensão contraditória da potencialidade humana na trajetória de reestruturação produtiva**. Revista Urutágua. Maringá, quadrimestral, n.º 07, ago./set./out./nov., 2005. Disponível em: <<http://www.urutagua.uem.br/007/07santos.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2005.

SILVA, Ângela. **Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos**: projetos de pesquisa, monografias, dissertações e teses. Uberlândia, MG: Edufu, 2000. 163 p.

SOUZA, D. B. de. **Complexificação e simplificação do trabalho em face do processo de reestruturação produtiva na indústria brasileira**: formação ou educação para o trabalho?. Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 5 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Barcelona, v. VI, n.º 119 (86), 2002. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-86.htm>>.